

Seleção Nacional Constelação #3

Cinema
com História
Set—Dez 2023

B

Constelação #3: Brandos Costumes

***A Caça*, Manoel de Oliveira, 1964**

***Brandos Costumes*, Alberto Seixas Santos, 1975**

***Solo*, Mariana Gaivão, 2012**

***O Fim do Mundo*, João Mário Grilo, 1993**

***O Delfim*, Fernando Lopes, 2002**

***Dina e Django*, Solveig Nordlund, 1983**

***Setembro*, Leonor Noivo, 2016**

***Relatos de uma Rapariga Nada Púdica*,**

Lolo Arziki, 2016

***Nojo aos Cães*, António de Macedo, 1970**

***Odete*, João Pedro Rodrigues, 2005**

***Noite Escura*, João Canijo, 2004**

***A Idade Maior*, Teresa Villaverde, 1991**

Seleção Nacional

Por Daniel Ribas e Paulo Cunha

Uma das ideias fundamentais que tem atravessado a historiografia é que o cinema português parece sedimentar-se numa passividade e apatia, quer do ponto de vista narrativo, quer até numa construção melancólica da sua *mise-en-scène*. Se, por um lado, é reconhecível uma evidente composição cinematográfica a partir de elipses e não-ditos; por outro, há também muitos outros exemplos em que o cinema português foi *violento*, exibindo nas suas imagens e sons uma forma cruel, tando do ponto de vista da elaboração da história como de uma violência física e gráfica. Esse outro lado parece-nos também importante mostrar, porque subverte outras ideias mais inculcadas nas nossas representações culturais.

Por isso mesmo, esta constelação apresenta como título *Brandos Costumes*,

A

porque nos parece que o cinema português—e a ideia dominante que temos dele—foi também alicerçado a partir desse *senso comum* sobre o que nos faz “portugueses”. O povo dos brandos costumes foi uma invenção da máquina de propaganda salazarista, que se disseminou estruturalmente por vários setores da sociedade, escondendo aquilo que a sociologia da história já desmontou: a existência de uma violência inerente, que é, aliás, normal a qualquer sociedade. Mas não só esta violência nos interessou: há algo no conceito de “brandos costumes” que também normalizou comportamentos, construindo uma imagem de um país católico, familiar, rural, onde as ordens sociais eram claramente estratificadas e os papéis de género muito claros.

O cinema português, no entanto, abriu também as suas imagens e os seus sons para outras formas de viver, mostrando realidades que estavam escondidas pelo

abrangente aparato ideológico. Por isso mesmo, esta constelação começa com dois filmes marcantes da história do cinema português. *A Caça*, de Manoel de Oliveira, é talvez o primeiro filme verdadeiramente moderno do nosso cinema, e no qual uma visão existencialista é mostrada ao lado de uma intrínseca visão violenta da vida em comunidade. É também sintomático que o regime tenha obrigado Oliveira a fazer um *final feliz* (a cópia a projetar inclui os dois finais). Por outro lado, *Brandos Costumes*, de Alberto Seixas Santos, produzido antes e depois da Revolução (e só por isso não tendo sido censurado), clarifica, de uma forma *brechtiana*, os elementos essenciais da construção ideológica à volta da família e do pai como figura “exemplar” e dominadora de todas as relações de poder.

O que propomos, depois desta sessão inaugural, é atravessar diferentes momentos do cinema português—de 1970 a 2016—e ouvir diferentes vozes que abordam um

T

outro Portugal, onde a violência persiste como modo de sobrevivência, ou que outras formas de vida são propostas, anulando o ideal da família salazarista. A terra e a sua posse são elementos da segunda e da terceira sessão, com filmes de Mariana Gaivão, João Mário Grilo e Fernando Lopes. São obras muito diferentes, mas nos seus espaços e com as suas personagens, questionam uma paisagem rural e as suas estruturas de domínio e poder. São também filmes sobre personagens solitários, para os quais o mundo desaba, também por força de uma violência explícita e brutal. A morte que abre *O Fim do Mundo* é paradigma disso: ali, no interior rural, uma questão de partilha de águas é motivo para um crime absurdo.

Dois filmes desta constelação reveem o passado (*Nojo aos Cães* e *Dina e Django*), evidenciando como a vida diária era violenta, rude, pobre. Por outro lado, filmes mais recentes—*Setembro*, *Relatos de uma*

Rapariga Nada Púdica, Odete—atiram-nos aos nossos olhos um mundo que costuma não ser visto, as de outras formas de organização familiar, afetiva e subjetiva. Esta constelação não poderia existir sem um filme de João Pedro Rodrigues, precisamente um cineasta que rompeu o silêncio sobre as narrativas homoafetivas, mostrando como outras formas de vida e de desejo são possíveis. Também não seria possível esta constelação sem o trabalho de João Canijo, autor de um punhado de filmes onde a violência gráfica e narrativa nos interpela de forma intensa. *Noite Escura*—aqui na versão *Director's Cut*, nunca vista—é desse cinema exemplo maior: uma família e a sua casa de alterne, lugar de violências várias—sexuais, familiares, psicológicas. Terminamos esta constelação com uma das primeiras obras mais fascinantes do cinema português: *A Idade Maior*, de Teresa Villaverde, filme que, a partir dos olhos de uma criança,

A

observa a complexidade de um mundo estilhaçado pelos traumas da guerra e pelo desmoronamento das relações sociais e comunitárias. Um filme sobre o fim da ilusão dos brandos costumes.

Daniel Ribas

Investigador, programador e crítico de cinema, é Professor Auxiliar na Escola de Artes da Universidade Católica Portuguesa, onde coordena o Mestrado em Cinema. É Diretor do CITAR—Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes. Foi curador de vários programas de filmes, nomeadamente para o Porto/Post/Doc, no qual foi membro da Direção Artística entre 2016 e 2018. É atualmente programador do Curtas Vila do Conde IFF. Doutorado em Estudos Culturais pelas Universidades de Aveiro e Minho, escreve sobre cinema português, cinema contemporâneo e experimental.

L

Paulo Cunha

Desenvolve trabalho em investigação, programação e crítica de cinema. É Professor Auxiliar na Universidade da Beira Interior, onde é Diretor do Mestrado em Cinema e Vice-Presidente do Departamento de Artes. É membro integrado do LabCom—Comunicação e Artes e colaborador do CEIS20—Centro de Estudos Interdisciplinares da Universidade de Coimbra e do INCT Rede Proprietas. É atualmente programador do Curtas Vila do Conde e do Cineclube de Guimarães. Doutor em Estudos Contemporâneos pela Universidade de Coimbra, escreve sobre cinema português, estudos decoloniais, crítica e cultura cinematográficas.

BATALHA CENTRO DE CINEMA

Batalha Centro de Cinema
Praça da Batalha, 47
4000-101 Porto

batalhacentrodecinema.pt

Porto.